Растителна защита

електронно списание за растителна защита
семена, торове и земеделие
ISSN 2815-522X

'Dos vinhedos aos novos mercados: Como os agricultores na Europa estão gradualmente a mudar para outras culturas devido ao clima'

Растителна Защита

Data 26.10.2026 | **Número** 10/2026 | **ISSN** 2815-522X | **Idioma** PT
www.plant-protection.com/article/2482?lang=pt



A viticultura europeia encontra-se num cruzamento histórico. Perante um declínio sem precedentes no consumo global de vinho e pressionadas por anomalias climáticas cada vez mais extremas, as explorações agrícolas em regiões de tradição vitícola são forçadas a procurar alternativas urgentes. Os três maiores produtores do mundo – França, Espanha e Itália – já estão a implementar medidas radicais. O modelo vitícola monocultural, há muito considerado a espinha dorsal do setor agrícola nestes locais, está a dar lugar a estratégias de diversificação de culturas agrícolas e de reorientação para novos mercados.

Nos últimos anos, os viticultores têm arrancado cada vez mais vinhas centenárias para dar lugar a culturas que até há pouco tempo pareciam exóticas para as suas latitudes, mas que hoje oferecem uma nova oportunidade de sobrevivência económica nas condições de um clima em mudança.

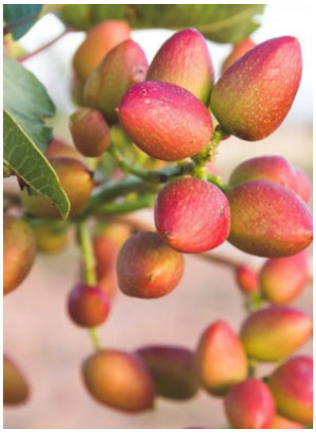
Os campos europeus estão a traçar um futuro concreto: a diversificação nas explorações agrícolas e a transição gradual não são simplesmente uma experiência, mas uma necessidade económica e climática que está a mudar para sempre a paisagem das regiões agrícolas tradicionais.

O regresso do pistácio

No Sul de França e em Espanha, as ondas de calor ameaçam as vinhas tradicionais e, em resposta, os agricultores estão a voltar-se para o pistácio (*Pistacia vera*) – uma cultura cultivada nestas regiões desde a antiguidade, mas completamente abandonada durante o século XX.

ISSN 2815-522X





Hoje o pistácio vive um verdadeiro renascimento, e a razão reside na sua biologia. É uma planta de deserto que se distingue pela sua elevada tolerância a solos salinos. É também resistente a grandes oscilações de temperatura: de −10 °C no inverno a 40 °C no verão. Prefere uma exposição soalheira e solo seco, não se desenvolve bem em condições de elevada humidade, e o seu sistema radicular está predisposto à podridão no inverno se receber demasiada água que não tenha para onde drenar. O fruto amadurece melhor durante um verão longo e quente.

A viticultora Amandine Reynard, da região francesa de Vaucluse, é um exemplo claro desta transição: enquanto as suas vinhas secam após o calor do verão, as pistáceas recentemente plantadas lançam rebentos frescos mesmo sem qualquer irrigação artificial. No entanto, o seu cultivo exige conhecimentos específicos. O pistácio é uma planta dióica – requer a plantação estratégica de árvores masculinas e femininas (numa proporção de 1:10), e a polinização é realizada inteiramente pelo vento, o que torna as correntes de ar no vale do Ródano ideais.

Espanha também segue esta tendência. Após perder mais de 100 000 hectares de vinha em 15 anos, os agricultores de La Mancha e da Andaluzia estão a transitar em massa para os frutos secos. O principal risco económico, no entanto, é o tempo: as árvores só começam a frutificar após o 5.º ano e entram em plena produção após o 10.º, o que exige um planeamento financeiro de longo prazo.

A salvação de Bordéus: O kiwi

Enquanto no sul o problema é a seca, no Sudoeste de França (a região de Bordéus) a crise é causada pelo colapso das exportações de vinhos tintos e pela perda de mercados tradicionais. Aí, viticultores como Cécile de Taffin, do „Château l'Ensumiz“, estão a reduzir as suas vinhas para investir em plantações de kiwi (*Actinidia deliciosa*).



Ao contrário do pistácio, o kiwi é uma trepadeira amante de humidade que oferece elevada rentabilidade e uma oportunidade para o mercado interno, mas vem com exigências agronómicas inflexíveis. Necessita de irrigação abundante e de estruturas de suporte maciças (pérgulas) para suportar o peso do fruto e da massa foliar – frequentemente mais de 30-40 toneladas por hectare. A cultura é extremamente sensível às geadas tardias de primavera (os gomos perecem a -1,5°C) e requer polinização ativa por abelhas. Apesar do elevado investimento inicial e do risco de bacteriose, o kiwi proporciona uma estabilidade financeira hoje inatingível para as explorações vitícolas tradicionais.

Lentilhas: Um elixir para o solo

Outra alternativa extremamente popular entre os viticultores franceses são as leguminosas. A lentilha (*Lens culinaris*) revela-se a escolha perfeita para os agricultores do departamento de Gard.



É amante do frio no início do seu desenvolvimento (as sementes germinam a 4-5°C), mas subsequentemente torna-se extremamente resistente à seca. O seu verdadeiro valor, no entanto, está debaixo do solo. Em simbiose com bactérias nodulantes, a lenti-

ISSN 2815-522X

lha fixa o azoto atmosférico, enriquecendo o solo naturalmente. Isto torna-a numa predecessora perfeita para outras plantas, como a alfazema.

O seu cultivo é totalmente mecanizado, mas não está isento de desafios. Devido à sua baixa estatura, a lentilha é uma fraca concorrente das ervas daninhas, e a maturação irregular exige mestria na colheita. Para garantir segurança e construir novos mercados, os agricultores já se estão a unir em cooperativas e a celebrar contratos diretos com instituições estatais e cantinas públicas.

Itália: Adaptação tecnológica e "colheita verde"

Itália aborda o arranque de forma mais conservadora, apostando na inovação. Na Sicília, na Apúlia e no Véneto, verifica-se uma transição massiva para a colheita noturna com holofotes, a fim de evitar o calor diurno de 40 graus e a fermentação prematura.



Em vez de destruir vinhas, os italianos estão a introduzir a redução voluntária do rendimento através da "poda verde" (que inclui uma série de operações como desbaste de rebentos, desponta, desladroamento, desfolha, desbaste de cachos e folhas, etc.), e os cientistas estão a experimentar a agrofloresta – criar vinhas em áreas parcialmente arborizadas onde as árvores proporcionam sombra natural e retêm a humidade.

Apoio financeiro na Europa Ocidental

Os subsídios não representam pagamentos anuais regulares, mas compensações únicas:

- França: Através da *FranceAgriMer*, são concedidos 4 000 EUR por hectare exclusivamente para o arranque final de vinhas.
- Itália: O país cofinancia (50%–75%) a modernização das vinhas com um apoio até 4 000–6 000 EUR por hectare para novas variedades resistentes.

A realidade búlgara: Uma luta pela sobrevivência e evolução na qualidade

Enquanto os agricultores da Europa Ocidental recebem diversas compensações pela diversificação de culturas, a viticultura na Bulgária luta para preservar as áreas existentes. As estatísticas registam uma contração drástica – as áreas colhidas estão a diminuir mais de 5% anualmente, atingindo os críticos 26 000 hectares.

Os viticultores do país são pressionados pela falta de subsídios (uma esperada interrupção dos pagamentos de reestruturação em 2027) e pela ausência de compensação ao abrigo da "colheita verde". A isto acresce a pressão climática – temperaturas extremas que criam um ambiente ideal para doenças como o fitoplasma (transmitido pela cigarrinha verde). O único apoio específico em funcionamento neste momento é a ajuda para compensação de custos com produtos fitofarmacêuticos (contra pragas como a cigarrinha verde, que transmite o fitoplasma). O seu orçamento total é de pouco mais de 2,5 milhões de EUR, e a taxa máxima é de apenas até 306,77 EUR por hectare. Os documentos ao abrigo deste apoio são aceites até 13 de novembro de 2026.



A casta Mavrud é uma casta autóctone búlgara de uva tinta. É conhecida desde a mais remota antiguidade e é uma das variedades autóctones cultivadas nas maiores áreas do país, principalmente no Sul da Bulgária. Mavrud é uma casta de vinho tinto de maturação tardia, tipicamente uma casta vinícola, com uma elevada percentagem de fração sólida nos bagos. Isto é um pré-requisito para a obtenção de vinhos ricos em substâncias fenólicas e extrato.

Apesar da contração geral do setor, a vinicultura búlgara está a encontrar o seu caminho para novos mercados através da evolução qualitativa. Os investimentos no Vale do Struma, na Planície Trácia e na costa do Mar Negro estão orientados para vinhos de

ISSN 2815-522X

boutique. Os produtores modernos apostam cada vez com mais confiança em castas locais características – Shiroka Melnishka Loza, Mavrud, Rubin e Gamza – criando uma identidade única que permite ao vinho nacional resistir à tempestade global.

** Baseado em materiais do Le Figaro*